

RITCHIE
PERSONAGENS
BÍBLICOS

SAMUEL

Profeta e
Ungidor de Reis

A. J. Higgins

SAMUEL

Profeta e
Ungidor de Reis

A. J. Higgins

A Verdade
2017

Samuel: Profeta e Ungidor de Reis

Originalmente publicado em 2016, original em inglês:

Samuel: Prophet and Kingmaker

Copyright © John Ritchie Ltd. Kilmarnock, Escócia

Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © A Verdade, 2017.

Todos os direitos reservados.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Corrigida, 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Traduzido por Layna Nascimento

A Verdade

www.editoraverdade.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H636s Higgins, Alexander J.

Samuel / Alexander J. Higgins ; traduzido por Layna Nascimento. – Lauro de Freitas : A Verdade, 2017.
164p. ; 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-64006-40-9

1. Samuel -- Profeta. 2. Prometido. 3. Consagrado.
4. Íntegro. 5. Fiel. 6. Último juiz. 7. Profeta do Senhor. I.
Nascimento, Layna. II. Higgins, Alexander. III. Título.

CDU 27-23

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301

Sumário

CAPÍTULO 1	Introdução	7
CAPÍTULO 2	Samuel e seus pais	13
CAPÍTULO 3	Samuel e o povo	29
CAPÍTULO 4	Samuel e o intervalo	43
CAPÍTULO 5	Samuel, o profeta	53
CAPÍTULO 6	Samuel e sua preparação	67
CAPÍTULO 7	Samuel e o caminho ao serviço	81
CAPÍTULO 8	Samuel e a criação dos filhos	95
CAPÍTULO 9	Samuel e princípios	109
CAPÍTULO 10	Samuel e a oração	125
CAPÍTULO 11	Samuel e o poder	135
CAPÍTULO 12	Quadros, prévias, promessas, princípios e vislumbres proféticos	147
CAPÍTULO 13	Samuel e os pós-escritos	155

CAPÍTULO 1

Introdução

Por quê?

Samuel, o profeta, é talvez um dos personagens menos conhecidos do Antigo Testamento. O próprio Paulo refere-se a Samuel como um grande ponto de transição na história de Israel, como dito em Atos 13:20: "até ao profeta Samuel". O salmista coloca-o lado a lado com Moisés e Arão em Salmos 99:6: "Clamavam ao Senhor, e ele os ouvia". O Senhor, também, liga-o a Moisés, utilizando linguagem grandiosa e memorável em Jeremias 15:1: "Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, não seria a minha alma com este povo". Um dos escritores do século anterior (W. W. Fereday) se referia a ele como o "Homem de Emergência de Deus".

Nazireu, restaurador da nação, levita, o último dos juízes e o primeiro em uma linhagem dos que realizavam o ministério profético, ungidor e destronador de reis, sua descrição de trabalho é impressionante e atribui-lhe um lugar de destaque entre os livros do Antigo Testamento. Como o último juiz, primeiro profeta e introdutor da linhagem de reis, ele é uma pessoa fundamental, não só na história de Israel, mas também no projeto de Deus.

Mas já que vivemos em uma era moderna onde não vemos mais ungidores de reis, juízes e nazireus, que benefício pode haver para nós em estudar a vida de um homem que viveu três milênios atrás? Podemos admirar sua vida, suas convicções e seu caráter, mas podemos tirar proveito do estudo da vida de Samuel?

A própria Palavra de Deus nos lembra do benefício em estudar "tudo que dantes foi escrito" (Romanos 15:4) e do fato de que foi escrito para "aviso nosso" (I Coríntios 10:11). Devemos evitar a armadilha da pretensão ao assumir que estamos tão à frente das gerações anteriores que não podemos aprender nada com elas, e que estamos anos-luz à frente em inteligência e habilidade.

Podemos ter avançado em tecnologia e estar inundados em informações e opiniões, mas a sabedoria não se desenvolveu de forma equivalente, e muitos não têm interesse nela.

Jó nos lembra em seu lamento eloquente e perspicaz (Jó 28) como a sabedoria é inacessível e preciosa, e como ela deve ser buscada com diligência. A Palavra de Deus continua a ser nossa "sabedoria", e, ao apreciar suas lições, nós poderemos alcançar a sabedoria que Deus deseja que tenhamos.

Mas, voltando para a nossa questão, o que podemos aprender com a vida de Samuel? Considere apenas algumas possíveis lições a partir de sua vida:

- Ele é o primeiro a conduzir o ministério profético - uma nova maneira em que Deus iria falar com o Seu povo. Por que Deus levantou profetas?
- Lições de criação de filhos - positivas e negativas
- Princípios de viver e agradar a Deus, que estão espalhados pelo livro como pedras preciosas
- Lições de oração - uma mulher, um homem e uma nação
- Preparação para o serviço - como uma pequena criança insignificante veio a se tornar um dos maiores líderes de Israel?
- Poder - seu uso e abuso
- O caminho para encontrar o seu serviço para Deus
- Os propósitos de Deus, que avançam apesar do fracasso dos homens, e que também fazem uso desse fracasso.

Como?

Em vez de apresentar uma exposição verso a verso, os capítulos que se seguem irão, às vezes, lidar com seções do livro ou focar em certos assuntos e rastreá-los através do livro de I Samuel. Em alguns momentos, podemos ter de olhar um pouco além da vida de Samuel à medida em que vemos os efeitos de sua vida sobre outras pessoas, até mesmo tempos depois em Israel. E apesar de que não é nossa intenção invadir o território de outros que irão lidar com o rei Davi, seria impossível, e até um insulto a Samuel, escrever sobre a vida dele sem notar o papel que desempenhou na ascensão de Davi ao trono.

A autoria dos dois livros no Antigo Testamento que levam o nome de Samuel tem sido um assunto de discussão e especulação. Já que a morte de Samuel é registrada antes do final de I Samuel, ele certamente não poderia ser o autor do livro inteiro; e certamente não poderia ter escrito II Samuel. De fato, na Bíblia hebraica, I e II Samuel são um, assim como I e II Reis - os quatro livros juntos são conhecidos como os Livros do Reino, tanto na Septuaginta quanto na Vulgata de Jerônimo. Por isso, pode ser que um escritor desconhecido (Esdras?) tenha coletado e compilado os relatos para nós.

No entanto, a autoria não é crucial para aprender com as lições espirituais que o Inspirador Divino das Escrituras nos deu. Nossas considerações partirão principalmente de I Samuel, com uma excursão ocasional em outras partes das Escrituras, apreciando como o Espírito de Deus honrou a Samuel.

O quê?

Samuel ocupa um lugar único e crucial na história de Israel. Ele é o último dos juízes, o primeiro a ocupar o ofício profético (Abraão era um profeta, bem como Moisés, mas não no mesmo sentido). Antes de Samuel, o sacerdote era o meio de comunicação de Deus com o Seu povo, mas o sacerdócio falhou. A sucessão familiar causou abusos e falhas. Deus estava deixando de lado o sacerdócio como Seu meio de transmitir

Sua mensagem ao povo. Ele começou a levantar homens que não vieram ao ofício com base nas relações familiares. Cada um viria "fresco" das mãos de Deus e seria a Sua voz para a nação. Samuel foi o primeiro desses. Nunca mais o ofício sacerdotal seria o meio pelo qual Deus falaria à nação.

Mas Samuel era também um levita, um descendente dos filhos de Coré; e ele também atuou em caráter sacerdotal. Nele vemos vislumbres proféticos de um Outro que viria a ser Profeta, Sacerdote e Juiz de Seu povo. Nele, todos esses ofícios serão reunidos, e Ele assentar-se-á como Sacerdote no Seu trono (Zacarias 6:13). Fragilidade e falha nunca poderão ser vinculadas a esse trono. Assim, Ele nunca precisará de sucessor algum.

Samuel era um nazireu de nascimento. É interessante considerar que, no extremo norte da terra, havia outro nazireu, que provavelmente vivia no mesmo tempo que Samuel. Seu nome era Sansão. Sua condição de nazireu foi contaminada; Samuel nunca arriscou sua vida de separação e santidade a Deus. Um sucumbiu às tentações ao redor: vinho, mulheres e jogos filisteus. Samuel manteve seu status de nazireu apesar de estar na pior das circunstâncias.

Cada faceta e fase da vida de Samuel é digna de estudo e repleta de lições para o nosso benefício. Vamos considerar seus primeiros anos como "o menino cresceu" e observar a sua preservação em meio à poluição em Siló. Após o seu chamado e a mensagem importante que ele entregou a Eli, ele parece desaparecer do enredo enquanto traçamos a arca e a sua viagem de Israel para a casa de Dagom, e depois seu retorno. A queda e a ascensão nas circunstâncias da arca definem o cenário para temas subjacentes que se repetem em I e II Samuel: a ascensão e queda dos homens, e a capacidade de Deus de dar continuidade a Seus propósitos, não só apesar do fracasso dos homens, mas utilizando esse fracasso para a Sua própria glória. Alguém disse que, apesar de que a nação podia rejeitar Jeová e a teocracia, não poderia destroná-Lo.

Veremos novamente Samuel com profunda admiração,

como um homem maduro, capaz de chamar a nação ao arrependimento e conduzi-la à vitória contra os filisteus. Dessa forma, temos a certeza de que os "anos de silêncio", como aqueles do Profeta Maior que veio 1.000 anos mais tarde, foram anos de comunhão com Deus.

Vamos observar enquanto ele toma o vaso de azeite e unge Davi. Será que ele percebeu a honra que lhe foi conferida? Será que ele percebeu o salto quântico que os propósitos divinos estavam realizando ao separar Davi e, conseqüentemente, a semente de Davi, para o trono? Será que ele estava consciente de que naquele ato singular de ungir o "menor" da casa de Jessé, estava-se prefigurando o "Maior" que reinaria na casa de Deus? Não temos ideia do alcance de sua percepção, mas com retrospectiva na eternidade certamente ele irá alegrar-se com o privilégio que Deus lhe proporcionou.

Samuel foi o "fazedor de reis" de uma forma muito real. O termo foi originalmente aplicado a Ricardo Neville, 16º Conde de Warwick, como "Warwick, o Fazedor de Reis" durante a Guerra das Rosas. Seu uso mais antigo documentado foi em 1595. Porém, mais de dois milênios e meio atrás, Samuel teve o privilégio de ser um grande fazedor de reis!

Podemos testemunhar também o fim de sua vida, e observar com grande admiração e estima como ele poderia estar diante da nação e contar como o conheciam desde a infância; no entanto, ninguém poderia apontar um dedo acusador para ele. Ele viveu uma vida pública irrepreensível. Que honra e testemunho! Quem não gostaria de chegar ao final da jornada da vida e do serviço dessa forma?

Quando?

É útil considerar o contexto da época antes de se aventurar pela história em si. Foram os dias notórios dos juízes, dias em que os homens faziam tudo o que achavam justo aos seus próprios olhos. Se precisássemos de uma justificativa para ver a relevância da história de Samuel nos nossos dias, essa seria uma boa razão. Mas onde exatamente I e II Samuel se

encaixam na cronologia dos juízes? Os livros começam com o nascimento de Samuel e terminam com a conclusão do reinado de Davi.

Keil e Delitzsch sugerem que o período coberto em I e II Samuel abrangeria cerca de 125 anos, de 1140 a 1015 a.C. Se for esse o caso, então os acontecimentos de I Samuel podem muito bem coincidir com o tempo do juiz Sansão. Se assim for, é reconfortante saber que, enquanto havia falha por um homem forte em Dã, havia uma mulher devota e temente a Deus em Ramataim-Zofim que clamava a Deus pela libertação da nação. Sem dúvida, se tivéssemos vivido nesses tempos, os nossos olhos estariam focados na tribo de Dã e em Sansão; ele era o libertador de Deus. Poucos teriam pensado que o triunfo sobre o inimigo filisteu viria da oração de uma mulher estéril e difamada, na região montanhosa do monte de Efraim.

Onde?

Nossa consideração de Samuel nos levará a muitos lugares, alguns dos quais carregam um significado especial em relação ao passado e ao futuro de Israel. Apesar de Ramataim-Zofim poder não ser uma palavra familiar entre nós, lugares como Siló, Gilgal, Ebenézer, Mispá e Betel estão repletos de memórias e histórias próprias. E quanto a Belém? Sua história escura em Juízes 17 a 19 e Rute 1, apesar de ter sido parcialmente redimida pela história de Boaz, que interrompe a linha dos juízes, é totalmente exonerada pelo aparecimento de Davi, de Belém de Judá.

À medida que o escritor e o leitor avançam, que cada um de nós possa fazê-lo em humilde dependência do Espírito de Deus; para o escritor, que o que está escrito traga proveito; para o leitor, que o que é lido venha a trazer proveito. As lições são escritas de forma clara; que cada um de nós tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir!

CAPÍTULO 2

Samuel e seus pais

I Samuel 1 e 2

À medida que I Samuel se abre, somos apresentados a uma família, sua fidelidade, suas falhas e seus atritos. Quatro indivíduos aparecem no palco do primeiro capítulo: Elcana, Penina, Ana e Eli. A casa da família ficava em Ramá, cerca de oito quilômetros ao norte do que viria a ser chamado de Jerusalém, no futuro. Alguns têm ligado esse lugar a Arimateia, de onde o José mencionado em Lucas 23:50 veio. Apesar de que Ramá era o local da casa de Ana e Elcana, os acontecimentos do capítulo estão relacionados a Siló, onde o sacerdócio estava funcionando e o tabernáculo foi erguido.

Os costumes da casa

Condições na terra:

Estes foram os dias dos juízes. Muito provavelmente em Dã, Sansão ainda estava julgando o povo de Deus. A liderança era fraca, o povo era obstinado, e os filhos dos sacerdotes que serviam em Siló eram maus. O dia era sombrio, e havia pouca esperança de mudança e avivamento. Qualquer um que buscasse um veredito em Sansão logo perceberia as deficiências gritantes em seu caráter e os limites do veredito que ele realizaria. Com esse pano de fundo sombrio, somos apresentados aos membros da casa em Ramá.

O caráter de Elcana

Elcana estava marcado por afeições divididas. Ana era estéril

e, como resultado, ele podia ter tomado uma segunda esposa, Penina, para garantir um herdeiro. Porém, tendo dito isso, há fatos louváveis sobre ele que precisam ser observados:

Elcana era estável em sua caminhada. Ano após ano, ele ia para o tabernáculo para adorar e oferecer seus sacrifícios ao Senhor. A constância que foi vista em Elcana seria reproduzida em Samuel, especialmente no que diz respeito ao circuito anual de ministério que ele manteve "de ano a ano" (I Samuel 7:16).

Elcana também se colocava acima de suas circunstâncias. Ele poderia muito bem ter justificado ficar em casa. As ofertas dadas em Siló estavam sendo profanadas pelos filhos ímpios de Eli. Acrescente a isso o comportamento imoral ao redor de toda a cena, e não havia muito que atraísse um israelita piedoso a Siló. No entanto, ele estava oferecendo sua adoração e seus sacrifícios ao Senhor dos Exércitos e, portanto, ele focou nisso. Ele não usou o fracasso dos outros como desculpa para ausentar-se do tabernáculo e desobedecer à ordem do Senhor de comparecer diante Dele três vezes por ano.

Quantas vezes neutralizamos a verdade da Palavra de Deus apontando inconsistências nas vidas e famílias daqueles que ministram diante de nós. Em algum momento, todos nós já usamos a falha dos outros como uma forma de justificar a nossa própria carnalidade. Elcana se colocou acima de todas essas tentações.

Da mesma forma, ele tinha um coração sensível. Apesar de não poder participar totalmente da aflição de Ana, ele não era totalmente insensível a ela. Ele procurou confortá-la, dando-lhe uma porção equivalente ou até o dobro das ofertas pacíficas, porque ele "amava" ela. Quando ela chorou em sua presença, ele procurou confortá-la com um lembrete de seu amor e devoção a ela (1:8).

Elcana também uniu-se a Ana em ceder seu filho para o serviço de Deus, sem qualquer garantia de que haveria outros. Elcana e Ana estavam fazendo um sacrifício por devoção ao Senhor.

Enfim, ele foi abençoado pela graça. Em meio aos

registros "secos" de I Crônicas, aprendemos que Elcana e, conseqüentemente, Samuel, que viria a nascer depois, eram descendentes dos filhos de Corá (I Crônicas 6:33-37). Por isso, eles deviam sua existência à graça de Deus, que poupou os filhos de Corá na grande rebelião de Números 16. Talvez tenha sido a consciência dessa dívida à graça que comoveu Samuel a consagrar toda a sua vida ao serviço de Deus.

Nós que também somos devedores da graça e recipientes de bênçãos melhores deveríamos nos submeter menos ao Senhor e desejar servi-Lo menos que isso? Cada santo do Antigo Testamento possuía duas características que tendemos a associar mais com os crentes do Novo Testamento: uma apreciação da graça de Deus e uma vida de fé. Em toda geração e dispensação, essas são as qualidades que agradam a Deus.

As circunstâncias diante de Ana

Ana era estéril. A sabedoria predominante daqueles dias era que Deus tinha fechado o ventre dela devido a algum pecado oculto ou inconsistência nela. Por isso, ser estéril era uma marca de reprovação. Deus realmente havia fechado seu ventre, mas por um motivo diferente. Pode ter sido para aumentar o seu fardo e anseio por uma criança para dar ao Senhor. Pode também ter sido para aumentar o seu regozijo. Aqueles que conheceram a mais profunda tristeza conhecem a maior alegria. Uma razão por que Deus permite a tristeza é aumentar a nossa alegria.

Em muitos detalhes, Ana é um prenúncio de Isabel em Lucas 1 no Novo Testamento; sua canção é um eco do cântico de Maria em Lucas 2. Sua natureza profundamente espiritual e apreciação de Deus são vistas em sua oração e seu louvor. As circunstâncias não a tornaram amarga.

A hostilidade no lar

As afeições divididas de Elcana levaram a uma casa dividida. Penina, fértil e com filhos e filhas, atçou sua "rival" com provocações sobre sua esterilidade. As afeições divididas que marcaram a casa em Ramá eram um microcosmo das

afeições divididas da nação. Deus tinha sido colocado ao lado dos "deuses estranhos e os astarotes" (7:3). Penina pode ter intensificado sua provocação por ciúmes, consciente de que Elcana amava a Ana mais do que ele a amava. Assim como a frutífera Agar humilhava a estéril Sara, e a estéril Raquel invejava a frutífera Lia, a atitude hipócrita e superior de Penina teria tentado desanimar Ana. Enquanto Penina tinha filhos, nunca lemos sobre essas crianças, seus nomes ou suas proezas!

Para crédito de Ana, e como um reflexo de sua espiritualidade, ela não protestava; e não parece que ela sequer tenha reclamado para seu marido. Ela levou tudo ao Senhor. Quando ela levou sua tristeza ao Senhor, tudo estava prestes a mudar.

As insinuações de Penina e a incapacidade de Elcana de entender a sua dor devem ter sido fardos enormes para Ana carregar na casa em Ramá. A vida doméstica não era uma vida feliz para ela.

Somos lembrados de que Deus permite certas circunstâncias, às vezes árduas, para o desenvolvimento do caráter espiritual e em preparação para a utilidade futura. Lia conhecia a tristeza de não ser amada. No nascimento de cada um de seus três primeiros filhos, houve o desejo recorrente de que, com o nascimento de cada filho, seu marido finalmente se uniria a ela em amor (Gênesis 29:34). Com o nascimento de Judá, ela parece ter se colocado acima das circunstâncias angustiantes de sua vida e, ao nomeá-lo, parece ter mostrado que ela não permitiria que nada impedisse sua adoração a Deus.

Talvez alguém esteja lendo estas palavras e também esteja passando por circunstâncias difíceis e negativas. O porquê nem sempre é fácil de discernir; mas como Ana, Lia e uma miríade de outras mulheres e homens de Deus, você pode colocar-se acima de suas circunstâncias e adorar a Deus.

A esperança que preencheu Ana

Ela estava à procura de algo que ia além de um filho. Embora não seja mencionado, o fardo de sua oração indicaria que

ela sentia a triste condição da nação e clamava a Deus por avivamento. Ela estava procurando por alguém que fosse uma bênção para a nação; ela queria um nazireu, não apenas um filho. Não contente em apenas ter um filho para si mesma, ela queria um filho para dar a Deus, para o Seu serviço e para o bem do Seu povo.

Ela não estava contente com a esterilidade da nação e do seu ventre. Ela queria frutos do seu povo para Deus; ela queria fruto de Deus para o seu ventre.

O coração que se derramou

A realidade de sua oração

A oração de Ana (capítulo 1:9-16) revela seu caráter devoto e o fardo de seu coração. É uma boa ideia considerar as várias frases que ela usou em sua oração e a descrição de Eli sobre ela. Ela orou ao Senhor e chorou abundantemente. Vemos a direção, a profundidade, a angústia, o desejo e a duração da sua oração. Ela reconheceu a soberania de Deus. Ela clamou a Ele em meio a suas circunstâncias. Outros nas nações podem correr para os baalins e astarotes, mas ela se voltou para o Senhor.

No versículo 12 nos é dito que ela continuou orando. Em sua persistência, ela recebeu a empatia de Deus. Ela persevera em oração ao Senhor e continua a pedir. A bela expressão no versículo 15, "tenho derramado a minha alma perante o Senhor" fala da suficiência do Senhor. Somente a Ele Ana podia derramar tudo o que a afligia. Ele era suficiente para a necessidade em todas as suas dimensões. Que bela expressão de oração! Mas é preciso um coração que está com um fardo cheio antes que possa ser derramado.

Finalmente, Eli fala de sua "petição" (verso 17) que ela havia feito ao Senhor. Nessa palavra pode ser sugerida a santidade de Deus. Como uma serva humilde, ela fez uma petição perante o mais alto trono do universo.

Nessas expressões - derramei o meu coração, petição,

continuou orando, e orou - pode ser visto algo do caráter de intercessão e comunhão com Deus. Oração prevalecente e eficaz é o resultado da realidade e do fardo. Sua "amargura de alma" (verso 10) e lágrimas, e sua dor profunda (verso 16) só poderiam encontrar expressão a sós com Deus, no santuário. Em contraste, as nossas orações são tão superficiais e lhes faltam um fardo genuíno. Como resultado, nós não conhecemos o poder da oração nem as respostas que Ana recebeu.

O Novo Testamento nos ensina que, para a oração ser significativa e eficaz, precisamos ser marcados pela fé, pelo fervor, liberdade da corrupção e um espírito de perdão. A amargura de Ana não era por causa de Penina, mas por seu pesar pela nação e por sua própria esterilidade. Ela foi marcada pela fé (verso 18) e pelo fervor (verso 12, 15). Suas mãos estavam limpas (Salmos 24:4; 26:6), e ela podia aparecer no santuário, de acordo com seu caráter santo, e aproximar-se de um Deus santo.

A repreensão de Eli

Somos apresentados a Eli no versículo 3, sem qualquer comentário sobre a sua condição espiritual. Chegando ao versículo 9, ele é encontrado sentado em uma cadeira, junto a um pilar do tabernáculo. Quando Ana se aproximou em oração, os olhos do velho sacerdote analisaram ela. Tão grande era a sua emoção que ele supôs que ela estava bêbada. O homem que, mais tarde, mostra-se fraco ao repreender seus próprios filhos, foi rápido em repreender Ana.

Há algo sobre Eli em suas relações posteriores com Samuel que sugere que, outrora, ele havia sido um homem que possuía alguma profundidade espiritual. Mas o tempo e a vida familiar haviam enterrado o homem que ele foi uma vez. Agora, com discernimento tão pobre ao ponto de repreender uma mulher devota e, mais tarde, não compreendendo o chamado de Deus para um jovem rapaz, ele é apenas a casca do homem que fora uma vez. Uma figura trágica, reduzida ao nível de um mal juiz, ele representa um testemunho e um lembrete grave do

fim de um caminho de fraqueza e acomodação contínuas.

A repreensão de Eli nos lembra de uma tendência humana. Quando Paulo escreveu aos coríntios, ele teve de admoestá-los por julgarem-no (I Coríntios 4); mas enquanto eles estavam julgando Paulo, falharam em julgar o pecado no meio deles (capítulo 5) ou em julgar e mediar a dificuldade entre dois irmãos (capítulo 6). Eles estavam julgando aquilo que não deveriam julgar e falhando em julgar o que deveria ter sido julgado.

Às vezes, na nossa incapacidade de lidar com um problema, exageramos ao lidar com o outro, para acalmar nossa consciência devido à nossa inércia. Talvez Eli, ao falhar em julgar seus próprios filhos, sentia algum alívio em sua consciência ao julgar a suposta embriaguez de uma mulher no recinto do tabernáculo.

A resposta de Ana

Talvez não haja nada mais difícil de suportar do que críticas injustas. Quando a crítica vem ao fazer a obra do Senhor ou em exercícios espirituais, torna-se uma provação ainda maior. Mas quando surge daqueles em posição de autoridade, que supostamente são espirituais, pode haver uma grande tentação de auto-defesa.

A resposta de Ana é apropriada e espiritual: "Não, senhor meu, eu sou uma mulher atribulada de espírito; nem vinho nem bebida forte tenho bebido; porém tenho derramado a minha alma perante o SENHOR. Não tenhas, pois, a tua serva por filha de Belial; porque da multidão dos meus cuidados e do meu desgosto tenho falado até agora" (1:15, 16). Nenhuma palavra de repreensão, nem sombra de raiva ou indício de amargura marcaram suas palavras. Ela fala com ele como alguém digno de respeito, quando ela se dirige a ele como "meu senhor". Ela explica, mas não discute suas circunstâncias e seu fardo. E ela tomou o lugar de uma "serva" humilde do Senhor. A mãe de Davi também é mencionada como uma serva (Salmos 86:16), e Maria se chamou serva do Senhor também

(Lucas 1:38). A palavra significa literalmente uma escrava ou serva. Não há nada de arrogância ou pretensão nas palavras de Ana; humildade e submissão são sua marca. Ela poderia muito bem ter lembrado a Eli sobre o comportamento de seus filhos; mas ela não o fez.

Quando todas as suas circunstâncias são somadas, compartilhar seu marido com outra mulher, ser difamada por essa mulher, ser estéril, e depois ser falsamente acusada pelo líder da nação, e apesar de tudo ainda manter uma atitude submissa e espiritual, vemos uma profundidade moral e espiritual que torna Ana uma das grandes mulheres da Bíblia.

É natural que nos levantemos em nossa própria defesa; para justificar nossas ações e para vindicar a nós mesmos quando somos julgados injustamente ou mal interpretados. Na resposta de Ana vemos a sabedoria de corrigir qualquer mal-entendido. Mas há uma ausência total de qualquer coisa que sugira raiva ou vingança. Com profunda humildade, ela explica sua situação e deixa a avaliação final para o Senhor. Aqui há um padrão para todos nós quando formos mal interpretados por outros. Não há nada anti-bíblico em resolver mal-entendidos; mas nunca há necessidade de retaliar ou brigar com alguém sobre a questão.

Eli, ao tornar-se consciente de seu erro, dispensou uma bênção sacerdotal sobre ela e a garantia de que Deus concederia seu pedido. Tal era a sua estima pelo sacerdócio, se não pelo homem diante dela, que ela tomou sua palavra como verdade e deixou Siló com a confiança de que o Senhor estaria prestes a trabalhar na abertura de seu ventre. O sol da manhã encontrou Ana e seu marido adorando ao Senhor. Quais devem ter sido os pensamentos de seu coração e sussurros de seus lábios quando ela levantou seu coração a Deus naquela manhã?

A homenagem que foi rendida

Oração que foi respondida

"O SENHOR se lembrou dela" e ela concebeu, tendo um filho; e chamou o seu nome Samuel, ou "ouvido por Deus". Samuel,

a criança nascida como fruto da oração intercessória, tornou-se um homem de oração também.

As forças naturais e espirituais em atuação são reunidas no verso 19: "Elcana conheceu a Ana, sua mulher, e o SENHOR se lembrou dela". É interessante fazer uma pausa para considerar por que o Espírito de Deus emprega a palavra "conhecer" para a intimidade física do casamento. Em uma época onde a lascívia tem sido confundida com amor, onde a intimidade sexual tornou-se um evento casual e frio conhecido como "sexo casual", há uma verdade vital transmitida pelo eufemismo "conhecer". A intimidade sexual é o estágio final ao conhecer uma pessoa e deve ser reservada para quando houver união em todas as outras esferas - emocional, psicológica, espiritual e legal. A nossa cultura está a beira de abandonar o compromisso do casamento. Até mesmo alguns cristãos professos afirmam que, se existe um compromisso entre um casal, eles não precisam fazer um pacto legal do casamento, mas podem coabitar como marido e mulher. Ainda que não tivéssemos nenhuma outra base para refutar isso além da figura de casamento, Cristo e Sua Igreja, teríamos base bíblica suficiente para mostrar a sua falácia. A permanência e segurança dessa relação de exemplo, do qual todo casamento é um reflexo, exige que casamentos humanos prevejam permanência e segurança, e que sejam selados com um pacto, não apenas um acordo verbal e privado.

Voltando à oração de Ana, existem várias características que devem ser observadas. Deus foi capaz de responder a sua oração porque era específica; ela pediu um filho. Muitas vezes, nossas orações, especialmente em nossas reuniões de oração, são muito vagas, e é difícil saber se elas foram respondidas. Oração específica tem a grande vantagem de nos permitir ver as respostas e retornar a Deus com ações de graças por elas.

Sua oração era altruísta. Ela não estava orando para gastar em seus deleites (Tiago 4:3) ou por vingança. Muitas vezes, os atrasos que experimentamos na oração são porque esse tempo é necessário para que nós refinemos nossos pedidos e nossos

motivos. Ao continuarmos à espera na presença de Deus, tornamo-nos dolorosamente conscientes de que muitos dos nossos pedidos, embora revestidos com um verniz espiritual (muito fino, às vezes), são egoístas e não destinados para a glória de Deus.

A sua oração também era espiritual tanto em seu caráter quanto em conteúdo. Nós precisamos, sim, orar pela saúde de outros crentes, por aqueles que precisam de emprego e outros assuntos seculares. No entanto, a maioria das orações do apóstolo Paulo eram pelas necessidades espirituais dos cristãos e das igrejas. Ana orou literalmente por uma criança, porém visando as necessidades espirituais da nação. Até a oração padrão de Mateus 6:9-13 exemplifica isso, visto que apenas uma necessidade material é mencionada (o pão nosso de cada dia), mas duas necessidades espirituais são expressas (perdão e preservação do maligno).

Progresso que foi nutrido

Há três ocorrências de "desmame" nas Escrituras que chamam atenção. Aqui, em I Samuel 1:22, isso está vinculado com a preparação e a apresentação. No caso de Isaque, em Gênesis 21:8, foi um tempo de perseguição; em Salmos 131:2, está ligado com progresso (desmame também é mencionado em Isaías 11:8; 28:9; Oseias 1:8; I Reis 11:20).

Ana se lembrou de seu voto. Ela não estava hesitante, mas reconheceu a necessidade de fortalecer Samuel para o que estava por vir. Elcana iria subir para realizar o sacrifício anual e cumprir o seu voto. O voto de Ana não foi anulado por Elcana (Números 30:6-8); seu sacrifício e devoção foram agora espelhados por ele.

Ana reconheceu sua responsabilidade. Seu objetivo era trazer uma criança desmamada ao Senhor para um maior crescimento e utilidade. Ela poderia fornecer sozinha para o seu crescimento inicial; e, ainda assim, o tempo gasto, talvez três anos, aprofundaria os laços maternos e aumentaria o custo do seu sacrifício.

Ana também regulou a sua dieta. O nascimento e os primeiros anos não eram tempo para carne forte. Alimentá-lo adequadamente significaria que ela tinha de dar de si mesma; somente quando ele estivesse pronto para a carne ela poderia levá-lo ao tabernáculo.

Paulo lembrou os cristãos de Tessalônica que ele era como uma mãe que amamenta seus filhos (I Tessalonicenses 2:7) em seu ministério e cuidado deles. Ele é o padrão para todo pastor que cuida do rebanho de Deus. Todo pastor necessita de sabedoria e habilidade em alimentar o povo de Deus. Nem todos podem absorver as verdades mais profundas inicialmente; porém crentes mais velhos precisam de mais do que leite e os primeiros princípios.

Promessa que foi mantida

Quando Samuel foi desmamado, Ana o trouxe para Siló. Com ele, ela trouxe três novilhos (Spurrell e outros tradutores sugerem que deve-se ler "um novilho de três anos"), um efa de farinha e uma garrafa de vinho. A garrafa de vinho ensina que ela estava dando com alegria. Seu sacrifício não estava sendo feito de má vontade ou com relutância. Ela estava dando tudo de si e com alegria em seu coração. Porém, o novilho era uma oferta de holocausto? Se assim for, isso sugere que, mesmo quando ela estava dando o seu melhor, ela estava consciente de sua fragilidade. Da mesma forma, somos conscientes de como nossa devoção é falha e fraca, mas felizmente podemos adorar à luz da perfeita devoção do Senhor Jesus Cristo.

Ela não só manteve seu voto com alegria, mas ela o manteve fielmente. Muito provavelmente, ninguém além de Elcana sabia de seu voto. No entanto, ela não hesitou, quando Samuel estava preparado, em trazê-lo e "emprestá-lo" ao Senhor. Da mesma forma, não há nenhuma palavra de protesto ou de auto-defesa quando ela aparece diante de Eli, ela simplesmente diz: "Eu sou aquela mulher que aqui esteve contigo". É maravilhoso quando o "aqui" da oração pode tornar-se o "aqui" de ação de graças. Com profunda gratidão ao Senhor em seu coração, ela conta-lhe que esta criança é aquela pela qual ela havia orado.

Em seu uso da palavra "emprestar", não há nenhum indício de tomar de volta em um momento futuro. É a mesma palavra usada em Êxodo 12:36, que transmite a ideia de devolver o que é devido a outro.

Provérbios 31 fala sobre uma mãe que ensinou princípios de liderança ao seu filho (Provérbios 31:1-9). Ela se refere a ele como o "filho do meu ventre", e também como o "filho das minhas promessas" (verso 2). Samuel era o filho da promessa de Ana, e ela preparou-o para a liderança da nação.

Por último, ela agiu com coragem. A esta altura, ela não tinha outros filhos, nem a promessa de outra criança. Ela estava dando o seu melhor ao Senhor. Da mesma forma, era um tempo sombrio para deixar uma criança tão nova no tabernáculo, com tudo o que marcava a conduta de Hofni e Fineias. No entanto, com plena confiança no Deus que havia respondido a oração, Ana deixou Samuel aos cuidados de Eli. Sua fé considerava que, se Deus poderia abrir um ventre estéril em resposta à sua oração, Ele poderia preservar essa criança em circunstâncias adversas. Ela estava colocando o menino onde Deus queria que ele estivesse. O princípio que ela estava testemunhando era que, onde quer que a orientação de Deus o levar, a graça de Deus o preservará.

O primeiro capítulo termina com a curta expressão: "E ele adorou ali ao SENHOR". Essa é uma referência a Elcana e sugere estatura espiritual. Ele está dando seu primogênito através de Ana. Ele está abrindo mão das possibilidades e esperanças ligadas a esse primogênito. Quase como Abraão (Gênesis 22), ele adora ao fazer o sacrifício. "Ali" foi o lugar de entrega de seu filho; "ali" também foi o local de adoração. Alguns dos momentos mais sagrados de adoração registrados nas Escrituras estão relacionados com os que adoravam em momentos de sacrifício. Junto com Abraão em Gênesis 22, há também Jó que adorou quando ele perdeu sua família (Jó 1:20). Davi adorou ao perder o trono (II Samuel 15:32).

Louvor que foi oferecido

Antes de analisar a canção de Ana, no capítulo 2, várias considerações gerais precisam ser feitas. Canções de louvor nas Escrituras vêm mais frequentemente dos lábios de mulheres do que de homens. Houve as canções de Miriã e de Débora antes desta. Haverá as canções de Isabel e de Maria, em Lucas 1. As mulheres, mais em sintonia com o lado emocional da vida, tinham o costume de expressar a sua adoração em canção. Foram as mulheres que cantaram no Mar Vermelho, celebrando o triunfo de Jeová (Êxodo 15).

Observe, também, que esta não foi uma canção sobre ela mesma ou seu triunfo sobre uma rival. Isso não foi uma justificação ou regozijo hipócrita. Dos dez versos que constituem a música, há um sobre si mesma e nove sobre o Senhor. Ela não estava ocupada com o presente (Samuel); ela estava ocupada com o presenteador (o Senhor).

Tome nota, em seguida, no cântico dela:

Apreciação da bondade de Deus:

É possível que a frase final do versículo 1: "Porquanto me alegro na tua salvação" seja a base para toda a canção. Ao contrário de Sara e Agar, ela não tinha tomado as coisas em suas próprias mãos. Ao contrário de Lia e Raquel, sua esterilidade não a levou à amargura e frustração com o marido (Gênesis 30:1). Ela tinha deixado a "salvação" das circunstâncias nas mãos do Senhor, por meio da oração. Ele respondeu e a abençoou.

Assim, Deus era a fonte de sua alegria: "O meu coração exulta no SENHOR". Sara conhecia apenas tristeza em sua ideia de dar Agar a Abraão. Ana conhecia apenas alegria. Há uma enorme alegria e satisfação em ver Deus trabalhar em resposta à oração, quando todos os caminhos humanos estão secos.

Ela louvou a Deus por seu sucesso: "o meu poder está exaltado no SENHOR". Deus a fez prosperar ao responder a sua oração.

Deus aumentou o tamanho da sua alegria: "A minha boca se dilatou sobre os meus inimigos". Essa não é uma referência a

Penina. É uma referência aos inimigos do povo de Deus. Ela estava orando por um libertador; Deus lhe concedeu o pedido com o nascimento de Samuel. Seu louvor terá tons proféticos, como veremos. Aqui, ela está ansiosa pela libertação da nação do jugo filisteu.

Deus era o segredo de sua alegria: "Porquanto me alegro na tua salvação." Deus era a sua "grande alegria" (Salmos 43:4).

Ocupação com a glória de Deus

O primeiro atributo que faz com que a adoração surja em sua alma é uma apreciação pela santidade imaculada de Deus. Sua santidade é a base de tudo e constitui Deus como uma rocha de segurança e estabilidade. Ele não conhece mudança.

É a presença de um Deus imutável, acima de tudo, que nos dá a garantia de segurança. Sua vontade não conhece alteração ou emenda. Suas afeições não vacilam. Seu poder não conhece a decadência.

Assim como no plano espiritual, a santidade de Deus também tem uma enorme influência sobre o plano moral e ético. A presença de absolutos, do certo e errado imutáveis, é o que dá estabilidade e segurança para tudo. Por que vivemos em uma sociedade que tem muito mais conveniências e tecnologia do que qualquer outra cultura que já habitou o planeta, e ainda assim é tão propensa à ansiedade e insatisfeita? Por que vivemos em uma cultura que perdeu a sua bússola moral em troca de licença moral e do relativismo, apenas para ver os alicerces da sociedade serem destruídos? É porque, tendo descartado a autoridade da Palavra de Deus e tendo perdido qualquer sentimento de temor a Deus, virou uma sociedade sem absolutos.

Ana celebrou a Deus como um Deus de onisciência infalível; Ele tem a autoridade e capacidade de saber o que é certo. Éticos prontamente admitem que, para ser capaz de saber o que é "bom", deve-se estar fora da noção de tempo e ser capaz de julgar todas as consequências, mesmo as consequências de longo prazo de uma ação. Somos limitados pelo tempo. Deus é

o único que não está limitado pelo tempo. Sua natureza eterna e onisciência o qualificam como o único que pode realmente determinar o certo e o errado.

A onipotência inigualável de Deus é cantada nos versículos 4-6; em uma série de talvez oito contrastes, Ana destaca como Deus é capaz de realizar o que parece impossível. Ele é um Deus de reversões surpreendentes. A Palavra de Deus mostra inúmeros incidentes da súbita mudança de destino de muitos: Hamã e Mardoqueu (Ester 6,7), José, os três jovens hebreus de Daniel 3; e o decreto de Dario de Média, em Esdras 6, apenas para citar alguns.

Como resultado de Sua onipotência, Deus é marcado por soberania incontestada. Ele tira e dá a vida; Ele levanta e derruba. Ninguém pode deter Sua mão. No entanto, em meio a esse lembrete de força e poder, é expresso um refrão reconfortante que nos fala de Sua misericórdia imerecida (verso 8). A isso se relaciona a fidelidade infalível que marca o nosso Deus (verso 9): "Os pés dos seus santos guardará".

Antecipação do Cristo de Deus

O cântico de louvor de Ana termina com uma nota profética cabível: "Dará força ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido" (verso 10). Ana estava pensando em Samuel, ou até mesmo Davi? É de Alguém maior do que Davi que ela falava. É interessante pensar que 1 Samuel começa com uma referência ao Rei vindouro, e II Samuel fecha também com uma referência por Davi à vinda do Rei que irá governar sobre os homens e ser justo (II Samuel 23:3-5). Cristo estava sempre diante de Deus, e o Espírito de Deus tinha prazer em antevê-lo nas canções dos remidos.

Deve-se salientar que esta é a primeira menção do "ungido" de Deus (verso 10) nas Escrituras.

Ana voltou com Elcana para sua casa em Ramá. Ela é uma das mulheres mais devotas da Bíblia. Além de duas menções posteriores dela tendo mais cinco filhos (I Samuel 2:21) e sua viagem anual para trazer uma túnica para Samuel (2:19), ela

desaparece dos registros das Escrituras. Só se pode imaginar a alegria e satisfação com que ela viu a resposta às suas orações, Samuel, maduro e deixando sua marca para Deus. Penina pode ter tido filhos primeiro e parecia triunfar, mas nenhum de seus filhos são mencionados ou conhecidos. Mas a mulher que conhecia tribulações e decepção, que aprendeu a esperar em Deus, foi homenageada com uma eterna lembrança nas páginas das Sagradas Escrituras.

O que podemos aprender com a vida de Samuel? Considere apenas algumas possíveis lições a partir de sua vida:

- Ele é o primeiro a conduzir o ministério profético - uma nova maneira em que Deus iria falar com o Seu povo. Por que Deus levantou profetas?
- Lições de criação de filhos - positivas e negativas
- Princípios de viver e agradar a Deus.
- Lições de oração - uma mulher, um homem e uma nação
- Preparação para o serviço - como uma pequena criança insignificante veio a se tornar um dos maiores líderes de Israel?
- Poder - seu uso e abuso
- O caminho para encontrar o seu serviço para Deus
- Os propósitos de Deus, que avançam apesar do fracasso dos homens, e que também fazem uso desse fracasso.

 A Verdade

www.editoraverdade.com.br

ISBN 978-85-64006-40-9



9 788564 006409